

Helio Oiticica
1961

instituto de arte contemporânea

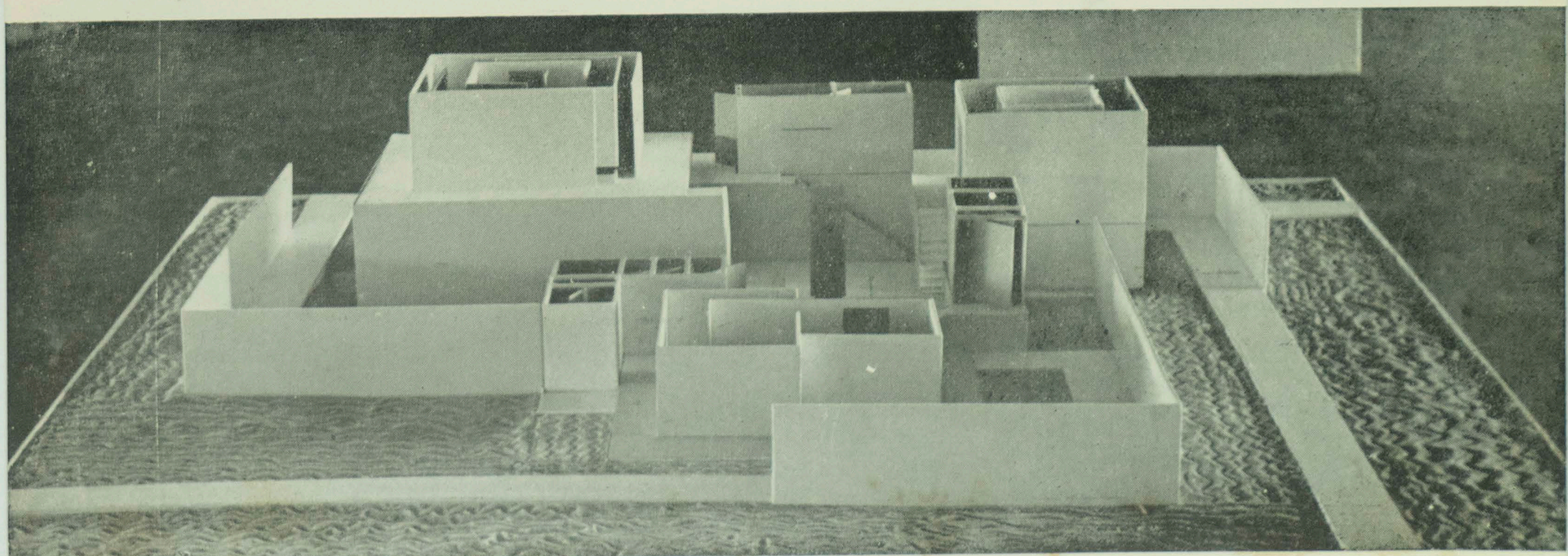
projeto cães de caça de hélio oiticica

instituto de arte contemporânea

museu de arte moderna do rio de janeiro novembro de 1961

O S P R O J E T O S D E H É L I O O I T I C I C A

Deve-se aplaudir, calorosamente, o MAM do Rio de Janeiro por acolher uma experiência como a dêsse jovem artista de talento, que é Hélio Oiticica. É que os "museus" de arte contemporâneos, ou aquêles dedicados a êsse mito que é a arte dita moderna, não podem ser confinados às atividades tradicionais da entidade — guardar e expor obras primas. Suas funções são bem mais complexas. São êles intrinsecamente casas, laboratórios de experiências culturais. Laboratórios imediatamente desinteressados, isto é, de ordem estética, a fim de permitir que as experiências e vivências se façam e se realizem nas melhores condições possíveis ao estímulo criador. O Museu, assim concebido, é a luva elástica para o criador livre enfiar a mão. Hélio Oiticica, jovem artista austero, como convém a neto de anarquista ilustre, traz ao nosso museu uma de suas últimas idéias, fruto pessoal do desgarramento coletivo dos "concretistas" do Rio do tronco oficial do concretismo, quando organizaram, sob a liderança Ferreira Gullar-Lígia Clark, o grupo neo-concreto. Hélio, que foi aluno de Ivan Serpa, desde o grupo "Frente", fez seu caminho próprio dentro das concepções estéticas neo-concretas. Rompeu com a moldura do quadro, à procura do espaço real, libertou-se do retângulo tradicional, tentou suprimir os últimos vestígios de qualquer suporte para a obra de arte e criou as placas coloridas suspensas, numa tentativa de chegar ao ideal absoluto, descrito por Ferreira Gullar como "não-objeto".. A maquete, que hoje é exposta no MAM (Rio), agrega uma nova idéia às precedentes experiências: a do tempo vivenciado, sob a forma de participação do espectador na experiência do criador. Esta idéia foi um desdobramento natural da descoberta poética da noção de tempo que os poetas e artistas "neo-concretistas" fizeram, ao distanciar-se da ortodoxia espacial serial do concretismo. Dessa descoberta saíram o livro-poema de Reinaldo Jardim, o poema-ação de Gullar, o bicho de Lígia Clark, o livro da criação de Lígia Pape e de Hélio, afinal, o lugar privilegiado para onde quer convidar o transeunte, que passa, a sair do cotidiano. Para acentuar o caráter inordinário do sítio, o artista lhe dá nomes de constelações e nebulosas, e chama o projeto exposto de "Cães de Caça", um dêsse seres kandinskianos da Via láctea. Tratar-se-ia, digamos, de um jardim abstrato, que lembraria o Rioanji, de areia e pedra, de Kioto, no Japão. Nele o pintor reúne o Poema Enterrado de Ferreira Gullar e o Teatro Integral, de Reinaldo Jardim entremeados de seus "Penetráveis", "obras" suas onde se entra empurrando ou fazendo girar paredes, subindo escadas ou contornando placas e painéis, caminhando, como num labirinto, para... encarar côres, sentir o reflexo de côres, pisar côres, viver côres. Alguns dêsse "Penetráveis" são labirintos, outros são cantos e recantos de paredes coloridas movediças. Envolvendo, entretanto, todos êsses recintos individuais para solilóquios, existe um labirinto maior que pode abrigar em seu perímetro, mais de uma pessoa, como espaço de iniciação grupal para o solilóquio vivencial das obras, no interior. Traço curioso e simpático na concepção de Oiticica — e muito moderno — é certo caráter coletivista que sua própria criação comporta, deixando de ser algo puramente individualista e egocêntrico. Com efeito, ela pede a colaboração de obras individuais de outros artistas: Nesses projetos se cria uma atmosfera espacial e espiritual propícia à realização de outros projetos ousados de outros criadores, como, no caso, o Poema Enterrado de Gullar ou o Teatro Integral de Jardim. A participação do espectador na obra é aqui já mais complexa: não é mais a simples participação dêle na obra criada, completando-a ou integrando-se nela, mas dêle, observador, com um mundo poético ou mágico que lhe foi dado, com o seu criador fora do recinto. O participante se integraria, libertado do cotidiano, em si mesmo, isto é na vivência original da experiência primeira. Há nisso qualquer coisa daquelas "invitations au voyage" da época romântica: a diferença é que a nostalgia romântica da fuga vem, desta impregnada — pela consciência dos tempos — de uma patética ressonância ética. Quanto à apreciação artística da experiência, que cada espectador julgue por si mesmo. **Mário Pedrosa**



projeto cães de caça de hélio oiticica